

A TRAGÉDIA E O CÂNONE: UMA PROVOCAÇÃO

Alzineia Monteiro de Oliveira¹

A tragédia está para além do teatro escrito por Shakespeare. Esta é uma afirmação pretensiosa, se considerarmos as pesquisas de teóricos de autoridade como Andrew Bradley (2009), em *A tragédia shakespeariana*. No texto, o autor defende que histórias por mais comoventes e terríveis que possam ser não são trágicas. Após algumas leituras teóricas e críticas que problematizam e discutem conceitos como: cultura; hegemonia; ocidente; marginalização; periferia; cânone e de análises de algumas peças do teatrólogo Plínio Marcos, por exemplo, vejo esta discussão em torno da tragédia- um subgênero do teatro-, também, como um discurso ideológico, político e social para manter um status quo da tragédia a partir de um olhar da “cultura dominante”. Entendo a literatura, neste caso, a literatura dramática como dinâmica, algo que se transforma conforme as novas maneiras de enxergar e interpretar o mundo.

Considerando tais premissas, a proposta deste ensaio é fazer uma provocação para (re) pensar o processo de canonização das obras

literária e os posicionamentos de teóricos e críticos quanto à permanência ou o fim da tragédia dentro de uma perspectiva da dramaturgia. Questionar estas estruturas é uma condição *sinequa non* para os estudos literários.

Nessa toada, Bradley posiciona-se de forma ousada e devota frente à tragédia shakespeariana. Segundo o teórico, uma tragédia não se configura apenas no estado de sofrimento das personagens. A respeito de seu posicionamento temos:

Uma história, por exemplo, de um homem que se aproxima lentamente da morte pela doença, pela pobreza, pelo abandono, pelos vícios sórdidos, pelas perseguições mesquinhas, por mais comovente e terrível que possa ser, não seria trágica no sentido shakespeariano. (BRADLEY, 2009, p. 5).

Para o autor, os elementos da tragédia shakespeariana são específicos, até este ponto concordamos com o Bradley, mas entendemos, também, que a tragédia ganhou novas características e incorporou novos elementos. Diferente de Bradley, Harold Bloom é muito mais incisivo ao canonizar Shakespeare, em sua obra *O cânone ocidental*. De modo algum questionaria o lugar de direito e merecimento de Shakespeare, entretanto, o modo como o teórico coloca o escritor, deixa todos os outros à margem. É como se não houvesse lugar na literatura e na dramaturgia para outros escritores, e se há, estes ficam apenas no entorno.

Sem Shakespeare, não haveria cânone, porque sem Shakespeare não haveria um eu

reconhecível em nós, quem quer que sejamos. Devemos a Shakespeare não só a nossa representação da cognição, mas também muito de nossa capacidade de cognição. A diferença entre Shakespeare e os seus rivais mais direto é tanto de espécie como de grau, e essa dupla define a realidade e necessidade do cânone. Sem o Cânone Cessamos de pensar. (BLOOM, 1994, p. 47; grifos nossos).

Apesar de Bloom fazer um estudo sobre o cânone ocidental, concentra-se suas análises, sobretudo, em Shakespeare, sua assertiva é clara, não existe Cânone sem Shakespeare. Esta é uma afirmação perigosa demais, se partimos da premissa que literatura e seus gêneros são consequências das experiências humanas. Portanto, se concordássemos com Bloom, estaríamos afirmando que não há mais experiências humanas dignas de pertencer a um enredo.

Ao estudar o percurso do teatrólogo Plínio Marcos, o processo de constituição de sua carreira como dramaturgo, deparamo-nos com diversas formas de exclusão que o autor sofreu. Diferentes argumentos foram levantados e defendidos para impedir o dramaturgo de levar suas personagens aos palcos. Primeiro, a tese de ele ser analfabeto, segundo, por não entender de dramaturgia. Para enfrentar estes empecilhos sua amiga Patrícia Galvão sugere ao autor ir para a escola de teatro, mas a ideia foi improficua. Plínio Marcos tinha urgência para escrever, segundo ele, não carecia de escola, além disso, tinha um discurso de crítica ao modo como o academicismo impõe seu poder, ao ponto que, os que não se “sujeitam” pertencer a este grupo, tem seu talento e capacidade questionados. Sobre isso, Mendes transcreve uma das falas de Plínio Marcos, na biografia do dramaturgo, “Fizeram muito mal de me mandar pra escola, que é uma coi-

sa que mata as pessoas, que castra as pessoas. Ela foi feita para preparar as pessoas para servir a uma sociedade imbecil”. (MENDES, 2009, p. 44).

Aos poucos o talento do autor foi reconhecido, “aprendíamos muito graças àquele rapaz que só tinha o quarto ano primário, mas que nos apresentou a Molière, a Steinbeck, a Shakespeare, a Sartre, a Ionesco, a Arrabal a Stanislavski, e a Brecht”. (MENDES, 2009, p. 96).

Plínio Marcos certamente não foi o primeiro a sofrer rejeição desta natureza, se fizermos um percurso pela história da literatura, depararemos com narrativas semelhantes. Como se nota, mais que pôr em discussão o talento do artista e sua obra como um objeto esteticamente elaborado, outros fatores de natureza econômica e social são colocados em xeque. O artista fica refém de uma disputa de interesse. Outro exemplo, talvez o de repercussão atual, é o da autora Carolina Maria de Jesus, que teve, por anos, sua capacidade como escritora questionada. Não nos aprofundaremos neste assunto, cito apenas como título de exemplo, para colocar em evidência do quanto temos que ressignificar e rever os métodos de análises críticas da literatura.

Nesse íterim, observa-se o projeto de imposição cultural, conforme o mencionado, no texto *O ocidente e o resto*, de Stuart Hall. O autor levanta questões que merecem atenção de qualquer pesquisador de literatura, entender que o conceito de ocidente está atrelado a critérios políticos e econômicos, possibilita compreender o esforço em manter uma referência de cultura. Não adentraremos na discussão do conceito de cultura, tendo em vista a sua complexidade, mas partimos da ideia de um conjunto de práticas que constitui a identidade de seres humanos. Sendo assim, qual

¹ Doutoranda e mestra em estudos literários, na área de literatura e sociedade com ênfase no teatro pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Formada em licenciatura em Letras Português e Inglês. Membro do Grupo de Pesquisa “Núcleo Manoel de Barros”, vinculado ao CNPQ.

E-mail: alzineia.monteiro@unemat.br

a identidade deve ser referência para os demais? Esta é uma questão que permeia os estudos culturais, bem como é a pauta levantada neste ensaio.

A quem interessa manter a tragédia no cenário da vida inglesa? É como se nos dissessem: “criem teatro mas este subgênero terminou em nós, no herói da aristocracia. Burgueses não são dignos da nossa tragédia, quiçá os marginais”, (as principais personagens de Plínio Marcos). São possíveis tais afirmações se analisarmos os argumentos de Bradley.

Primeiramente, para começar com o externo, esse gênero de tragédia põe diante de nós um número considerável de personagens (muito maior que de uma peça grega, a não ser que incluamos o coro em nosso cálculo); mas trata-se primordialmente da história de um personagem, o “herói”, ou, no máximo, de dois, o “herói” e a “heroína”, ademais apenas nas tragédias de amor, *Romeu e Julieta*, e *Antônio e Cleopatra*, a heroína é tão importante para a ação quanto o herói. Nas outras, mesmo em *Macbeth*, temos estrelas solitárias. De forma que tendo apontado a peculiaridade desses dois dramas, podemos doravante, por uma questão de concisão, ignorá-los, e falar do enredo trágico como tratando precipuamente de um personagem. Depois ele conduz a morte do herói, a qual se insere no enredo. Por um lado, (seja qual for o tipo de tragédia), nenhuma peça ao cabo da qual o herói continue vivo é, no pleno sentido shakesperiano, uma tragédia; e já não classificamos *Troilo e Cressida* ou *Cimbelino* desse modo, como faziam os editores do fôlio. Por outro lado, o enredo retrata também o aspecto tumultuoso da vida do herói, que precede e conduz a sua morte; e uma morte súbita, ocorrida por “acidente” em pleno período de prosperida-

de não seria o suficiente para caracterizá-lo. Ele é em verdade essencialmente a narrativa de sofrimento e calamidade que culminam em morte (BRADLEY, 2009, p. 4-5).

O herói é um elemento fundamental das peças shakespeariana. Mas analisaremos o seguinte, quem são os heróis das tragédias do autor? Todos pertencem ao núcleo da família real, os que não são reis, príncipes e princesas, tornam-se. Parece ser irrelevante esta característica, no entanto, para os questionamentos feitos aqui, são imprescindíveis. A questão não é a casta das personagens, mas o que as constituem, que identidade apresentar? Isso considerando, os aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais que integram uma identidade. Pois tais aspectos são reproduzidos pelos seres humanos que não estão nos palcos, mas tomam como referência de comportamento, logo, os ingleses apresentam “um padrão de vida” a ser referenciado e desejado.

Por outro lado, as questões humanas abordadas por estes heróis estão presentes em todos os seres humanos, a inveja, a ganância, a ânsia pelo poder, os conflitos existenciais, a angústia, o amor, a necessidade da ordem, a hierarquia, etc. Portanto, se afirmarmos que tais características são eminentes a todos, não há de se criar fronteiras para a construção de personagens dignas de uma tragédia, mesmo as de Plínio Marcos, as que foram a todo custo impedidas de subirem aos palcos.

As personagens criadas por Plínio Marcos dão novas características para um protagonista da tragédia, o reis, príncipes e princesas passam a dividir o espetáculo trágico com as prostitutas, os mendigos, cafetões, os desempregados, o ser humano sem títulos de nobreza. O que estava à margem passa a pertencer ao centro. Então, é preciso (re) discu-

tir sentido da tragédia, porque “de repente, as margens passam a centro e o centro a margem, numa celebração catártica das diferenças em desfile.” (PRYSTHON, 2003, p. 45). Não diria de repente, mas tardiamente.

Certamente é preciso reconhecer as mudanças ocorridas em torno dos gêneros literários. Theodor Adorno, em *Indústria cultural e sociedade* (2002), afirma que o crítico tece a nuvem estética do objeto artístico. De tempos em tempos surgem novos escritores, uma forma diferente de dizer, dos quais o crítico coloca-se diante deste objeto e deixa passar pelo véu, ou veda sua passagem. Entretanto, é com o passar dos anos que saberemos se fizeram uma escolha justa, com critérios objetivos, ou se foi uma mera escolha pela teoria do gosto, ou pelas convicções ideológicas. Os anos darão fim ao escritor, ao crítico e ao ser humano de uma “época”, o que ficará será a arte. Outros leitores, espectadores virão e darão novos sentidos ao objeto artístico. Por isso a urgência de (re) criar o véu estético da obra de arte, de repensar o processo de canonização e quais

os interesses, de fato, em canonizar algumas obras e não outras, ou em considerar certas peças pertencentes à tragédia e outras não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Trad. Leyla Perrone Moisés. 2. Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- BLOOM, Harold. **O cânone ocidental**. Trad. Manuel Frias Martins. Lisboa: Temas e Debates, 1994.
- BRADLEY, Audrey. **A tragédia shakespeariana: Hamlet, Otelo, Rei Lear, Macbeth**. Trad. Alexandre Feitosa Rosas. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- HALL, Stuart. **O ocidente e o resto: discurso e poder**. Trad. Carla D’lía. Projeto História, São Paulo, n. 56, pp. 314-361, Mai.-Ago. 2016.
- MENDES, Oswaldo. **Bendito maldito uma biografia de Plínio Marcos**. São Paulo: Leya, 2009.
- PRYSTHON, Angela. **Margens do mundo: a periferia nas teorias do contemporâneo**. Porto Alegre: Revista FAMECOS, nº 21, agosto, 2003.

Jornal “O Combate”

Expediente

O Combate é um periódico mensal, destinado à publicação de textos de discentes do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL/UNEMAT). O objetivo do jornal é ser um espaço de fomento à escrita científica no campo da Literatura. Nele, serão aceitos ensaios, críticas, resenhas e artigos de opinião, sendo a temática livre – desde que relacionada com alguma área do saber dos estudos literários.

Direção geral: Helvio Moraes

Equipe editorial: Helvio Moraes, Luan Paredes Almeida Alves, Adrieli Ferreira Nogueira, Eliane Cristina Chierigatto

Colaborador deste número: Alzinéia Monteiro de Oliveira

Diagramação: Umberto Rios Magalhães

Contato: jornalcombateppgel@gmail.com

O COMBATE

TODOS OS MESES NO SITE PPGEL

LINK: <https://ppgelunemat.com.br/o-combate>



UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso
Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino

Endereço: MT-358, 7 - Jardim Aeroporto,
Tangará da Serra - MT, 78300-000